

Humanidades e Gestão

Democrática da Universidade

Entrevista com a Prof^a Maria Lucia Weiss, Diretora do CEH/UERJ

Denise da Costa Oliveira

Vinda do Instituto de Psicologia, a professora Maria Lucia Lemme Weiss assumiu a direção do Centro de Educação e Humanidades (CEH) em janeiro de 1992. Ex-diretora do Colégio de Aplicação, ex-professora da Faculdade de Serviço Social e fundadora do curso de Relações Públicas, Maria Lucia Weiss graduou-se em Psicologia e Pedagogia e fez mestrado em Psicologia. Com a experiência de quem está na UERJ como professora desde 1967, ela fala nesta entrevista sobre a gestão democrática na universidade.

Como a senhora vê a questão da gestão democrática na universidade?

Eu estou na UERJ há praticamente 30 anos e acompanhei todo período da ditadura, quando nós tínhamos uma falta de liberdade de palavra. No entanto, em 68, eu era professora na Faculdade de Serviço Social, em São Cristóvão e embora no meio externo os intelectuais estivessem sendo massacrados, a UERJ foi a única universidade pública do Rio de Janeiro onde os professores não foram perturbados. Essa foi uma semente do processo democrático. E uma das pessoas que mais lutou por isso na época foi o professor Wilson Choeri. A estrutura universitária era a mesma no Brasil inteiro para as universidades públicas: diretores de unidades, de centros e reitores eram escolhidos por listas triplíces ou sêxtuplas. Os reitores eram escolhidos por governadores, os diretores de unidades pelo Conselho Universitário. Foi assim que eu fui diretora do Colégio de Aplicação.

Fazendo uma comparação com a universidade hoje, como a senhora vê as eleições na UERJ?

Eu acho que são válidas as eleições. São um processo, um caminho. Nós temos apenas que achar o ponto exato. Houve uma época de grande euforia e se exagerou no processo de assembleias. Nós chegamos a ter na nossa clínica, no Instituto de Psicologia,

todas as questões discutidas em assembleias. Acabaram-se as coordenações, que eram um tipo de colegiado. Caímos no exagero de tudo ser decidido em assembleia e não nos colegiados eleitos. Quando você cria um colegiado está delegando poder. Essa é uma coisa fundamental que, às vezes, se esquece na universidade: no momento em que você elege um diretor, representantes do conselho departamental, professores, representantes dos alunos e funcionários, você está delegando poder para uma série de atribuições.

O que o CEH vem fazendo para tornar a UERJ uma universidade democrática?

Implementando as normas do estatuto, do regimento da UERJ que prevêem conselhos democráticos no Centro. É o caso do conselho consultivo dos diretores eleitos pelas unidades. No conselho consultivo nós reunimos os diretores das unidades uma vez por mês. Então discutimos problemas, trocamos idéias, caminhos que uma unidade achou e outra não. É uma função democrática muito grande, embora haja professores que questionem. Aham que a administração central devia se entender direto com os professores sem essa passagem pelo Centro. Eu levo para esse colegiado as coisas que ocorrem no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, no Conselho Universitário e dou informações sobre as reuniões com a administração central. Por exemplo, o bandeirão dos alunos e a questão do orçamento da universidade são assuntos que eu coloquei em reuniões.

Então a senhora tenta funcionar como uma ponte entre as unidades e a administração central?

Exatamente. Como eu faço parte dos colégios superiores e do colegiado do Centro, funciono nas duas instâncias. Já está funcionando também um Conselho de Pós-Graduação em cada centro setorial. O CEH tem quatro mestrados e um doutorado. Temos em torno de 15 pós-graduações lato sensu, com outras em processo final para funcionamento, como é o caso da Comunicação Social. Temos convocado também

alunos representantes das unidades para questões como por exemplo, a consolidação das normas estudantis da SR-1. Além disso, temos convidado membros do CSEP, do Conselho Universitário, da reitoria e de projetos especiais para comparecer ao Centro.

Saber e poder ainda caminham juntos nas universidades brasileiras?

Caminham separados. Mas, eu não dicotomizaria. Esse maniqueísmo de saber e poder pertenceu a uma época da estrutura universitária, talvez aos anos 70. O saber deve fazer parte do poder da universidade. O que nós vimos na universidade anteriormente era o poder do saber amassando os que não tiveram acesso ao saber. Hoje é diferente.

O CEH tem desafiado a situação saber/poder na UERJ? De que forma?

O CEH tem procurado atender aos mandamentos universitários. Quando você cumpre as normas, você dá um exemplo de cidadania. Quando a norma não serve você tem que lutar para a sua troca. Se um sinal está mal colocado você não resolve o caso avançado-o... Outra maneira de democratizar a relação de poder e saber é através dos colegiados. Questões salariais, o posicionamento do Centro em relação às eleições têm sido levados à administração central. Eu sou uma voz e um voto das Unidades nos Conselhos Superiores.

Planejamento participativo poderia contribuir para o desenvolvimento de uma gestão democrática na UERJ?

Pode e deve. No CEH, toda a vez que os pedidos da administração central vêm com tempo hábil, nós mandamos para as unidades darem seu parecer. Um devolvem, outras não. Mas muitas vezes não há tempo. Nosso trabalho tem sido sempre participativo. A resposta do CEH é a que as unidades encaminharam pelos seus diretores.

Quais as diretrizes que norteiam sua gestão no CEH?

Quando me candidatei tinha um lema:

autonomia e integração. Nós temos realmente que integrar as unidades. A educação com a questão da produção do texto literário, a psicologia com a comunicação. A função do CEH é promover, em diferentes instâncias, a integração dessas unidades. Com autonomia. Cada unidade funciona do jeito que deseja. O CEH não tem nenhuma intervenção no funcionamento das unidades. Quem decide sobre elas é seu conselho departamental.

E quais são as relações entre uma gestão democrática e o uso da comunicação social na universidade?

Comunicação é fundamental. Sem comunicação você não tem uma gestão democrática. Você tem uma gestão de gabinete. A gestão só é democrática quando tudo que é produzido enquanto normas administrativas, normas acadêmicas, como

produto científico é divulgado. E nisso a atual gestão da universidade deu um salto muito grande com a Coordenação de Comunicação (CCSP), o jornal UERJ em Questão e o boletim UERJ. Tem que haver mais instrumentos de comunicação. Nessa universidade tudo ainda é comunicação oral. Há pouca comunicação escrita. E eu acho correto uma comunicação escrita rápida, eficiente e coletiva, de modo que não haja ilhas de desconhecimento.

Considerando ensino, pesquisa e extensão as funções por excelência da universidade, que exemplos de contribuição do CEH poderiam ser citados?

Os programas de cooperação técnica com as secretarias Municipais e Estaduais são programas da extensão. Estão abertos a professores de todas as unidades e são um campo fértil para suas linhas de pesquisa. Em

termos de ensino nós estamos trazendo de volta a realidade do ensino público nos outros municípios, o que pode embasar a reformulação de nossos cursos de licenciatura. Por outro lado, nós temos convênios internacionais - com a Universidade de Paris VIII, por exemplo, na sua área de etnopsiquiatria, etno-psicanálise e aprendizagem. É a questão cultural contribuindo para o agravamento de problemas emocionais. Em Paris trabalham com a questão do imigrante indiano. Aqui no Rio de Janeiro podemos trabalhar com a questão do imigrante nordestino.

Denise da Costa Oliveira

• Jornalista e Relações Públicas formada pela UERJ. Especialista em Sociologia Urbana pela UERJ. Mestranda em Ciência da Informação na ECO/UF RJ.

